

MENSAGEM DE D. SARAH À SUA FILHA
D. MARIETA MILENE^(*)

Minha querida filha, Deus te abençoe e nos ampare a todos. Tenho poucos recursos e tempo reduzido para escrever e, assim mesmo, estou no lápis sob o amparo de muitos amigos.

Venho pedir a você que não chore mais e peça a todos para que nos esqueçam como pessoas mortas. Isso nos faz muito mal porque estamos vivos. Vivos e trabalhando para desfazer tanta sombra.

Rogo ao Aldo para sobreviver. A morte não é o fim. Meu Deus! como é difícil fazer com que o mundo entenda isso. Peço a ele e a você, tanto quanto à Alene, ao Alcindo e a todos — todos os nossos para nos recordarem na posição de viajantes, que se ausentaram, mas não para sempre.

E pelo amor de JESUS, não se refiram mais a supostas virtudes de caridade que me levaram a exigir mais peso ao veículo. Nossas roupinhas não foram a causa disso e nem a tarefa em nossas mãos poderá ser inculpada.

E por falar nisso, ninguém acuse o motorista.

O carro caiu de tão alto, subtraindo-nos à vida física, porque isso era o melhor que nos podia acontecer.

Não percam a fé. Não desanimem.

Tudo mudou, mas as nossas obrigações, acaso, não serão as mesmas? Coragem e paciência — é o que nós lhes

^(*) Psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier, ao final da reunião pública da noite de 20 de fevereiro de 1970, em Uberaba, Minas.

pedimos. Quando digo nós, quero falar de Aparecida e de sua mãe, minha filha, porque o Marco e Alcilene, ainda estão em reajuste.

Temos aqui hospitais melhores que os melhores do mundo. Tudo será rearmonizado.

Vivam! Não abandonem os nossos deveres de cada dia. Afinal, reencontrar-nos-emos, porque tôdas as criaturas no mundo estão também viajando para a vida superior.

Myrthes, ajude-me. Continue insistindo pela conformação de nossos familiares. Estou cansada de esperar a paciência dos nossos diante das leis de Deus. O chôro dos filhos cai sobre mim como chuva de fel. Rogo a todos esperança e fé. No fundo da rampa ou pequeno abismo em que nos precipitamos, estava nossa mãezinha Bárbara com tanta gente afetuosa a esperar-nos. Oh! Jesus, não estávamos sózinhos! Almas queridas nos estendiam as mãos. Sómente as crianças como flôres de vida reclamavam repouso, alívio, paz imediata e calma, assim como os doentes assustados precisam de anestésicos.

Rendamos graças a Deus. Só uma causa devemos temer na vida — fazer o mal e ferir nossa consciência. A dor é socorro, cuja importância na Terra, estamos ainda muito longe de perceber. E a morte — a morte é vida — muito mais intensa a impor-nos trabalho e compreensão. Façam, minhas queridas, o bem que puderem. Retomem o nosso serviço da costura pelos necessitados. Se alguma felicidade encontramos aqui, essa é aquela que nasce de nossos pequenos esforços no amor ao próximo.

Filha querida, atenda-nos! Não chore mais, e receba todo o carinho e toda a confiança da mamãe

SARAH^(**)

(**) SARA BUGANEME — nasceu no município de Sacramento, Minas, a 7 de fevereiro de 1911 e desencarnou a 12 de dezembro de 1969, próximo a Ponta Grossa, Estado do Paraná, num desastre automobilístico (o carro se precipitou de uma ponte com 38,5 metros de altura). (Informação colhida de familiares).

DEPOIMENTO DE JOAQUIM ALVES (JÔ)^(*)

NO CAMPO DA PSICOGRAFIA

Tivemos os pesadelos do materialismo.

Acordamos, porém, com a premente necessidade do exercício da mediunidade curativa, com nossos braços, tornada impotente a nossa vontade, levantando-se num gesto de paz e harmonia, sempre que éramos compelidos a defrontar-nos com algum enférmo.

Nossos dedos formigavam, nesses instantes!

Foi o contato vivo, informal, com o Espiritismo.

Pouco adestrados, freqüentando reuniões em que éramos levados a trabalhar no campo abençoado da dor redentora, alimentávamos naturais conflitos de um coração sedento de luz e estraçalhado pelas aflições que desfilavam aos nossos olhos, qual se toda a Humanidade chagada e sofredora se mostrasse panoramicamente à nossa visão.

Quisemos conhecer o médium Chico Xavier.

Em Pedro Leopoldo a vida era muito calma e serena e Chico, inesperadamente entrando pelas portas do Hotel em que nos hospedávamos pela primeira vez, convidou-nos a ir à reunião noturna, no Centro Espírita "Luiz Gonzaga".

Naquele encontro, Emmanuel nos dirigiu mensagem psicografada, ferindo o conflito que sustentávamos para iniciar o exercício da mediunidade de cura, afirmando que, através do encontro amigo com os enfermos, resgatariámos, por essas moedas de amor, todo o nosso passado obscuro e nos

(*) In Roque Jacintho, «Chico Xavier — 40 anos no mundo da Mediunidade», EDICELE, São Paulo, 1.ª edição, 1967, págs. 95-103.